

A QUESTÃO DA MEMÓRIA E DA SUBJETIVIDADE EM *LES RÊVERIES* *DU PROMENEUR SOLITAIRE*, DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Natália Pedroni CARMINATTI*

RESUMO: A obra rousseauiana *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782) configura o *corpus* do presente artigo. Trata-se de uma autobiografia inacabada, pois o genebrino falece antes de concluir o trabalho. Intenta-se no decorrer desta análise direcionar o olhar para as teorias freudianas no que diz respeito ao estudo de representação da memória. O volume confere ao século XVIII a hegemonia dos ideais posteriormente incorporados à prosa romântica francesa. Levando em consideração o gênero híbrido do texto, demonstraremos a importância da prosa poética na compreensão da própria vida do filósofo, e no processo de escritura, haja vista a relevância do autor até os dias atuais. O trabalho metafórico da memória permeia a obra inaugural do pré-romantismo francês, revelando a importância do inconsciente para o entendimento do próprio ser, dado que a identidade apresenta caráter mutável e constrói-se ao longo de nossas vidas. Deste modo, executaremos a análise a partir do viés psicanalítico, acentuando as relações entre a literatura e a psicanálise por meio da teoria da memória proposta por Sigmund Freud e por outros teóricos que se valeram dos conceitos freudianos.

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo francês. Jean-Jacques Rousseau. Psicanálise. Sigmund Freud. Memória.

O artigo visa investigar o estudo do tema da memória, no discurso poético do último volume, *Les rêveries du promeneur solitaire*¹, que integra a trilogia de obras autobiográficas do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau. Tal

* Bolsista CAPES. Mestranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901-napedroni@hotmail.com.

¹ As passagens de *Les rêveries du promeneur solitaire* traduzidas em nota de rodapé são de autoria de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Vide Rousseau (1986).

trilogia composta pelas obras *Les confessions*, *Les dialogues*, ou *Rousseau juge de Jean-Jacques* e *Les rêveries du promeneur solitaire* confere ao autor a primazia no que tange aos ideais promovidos *a posteriori* pelo movimento romântico, destacando-se a importância do mesmo para a literatura mundial, sobretudo, para a literatura francesa. Rousseau redige as *Rêveries* durante sua última estada em Paris, entre o outono de 1776 e abril de 1778, vindo a falecer nesse período, sem terminar a obra, que foi publicada postumamente em 1782.

Para o desenvolvimento do tema da memória utiliza-se como suporte teórico as pesquisas realizadas por Sigmund Freud (1856-1939) referentes ao trabalho do inconsciente e ao desenvolvimento do aparelho psíquico. A leitura do texto rousseauiano tecida a partir da teoria freudiana proporcionará nova visão da obra de Jean-Jacques Rousseau, aqui analisada, pelo viés psicanalítico. O inconsciente, componente essencial do aparelho psíquico, condiciona, segundo Freud, a personalidade e as atitudes humanas. Uma releitura das principais obras do médico psicanalista será engendrada a fim de que se possa demonstrar a relevância de sua teoria para a posteridade, ou até mesmo para o que o antecedeu.

Teorizando sobre as realizações do inconsciente, o pai da psicanálise, desenvolve a teoria “[...] que todo conhecimento humano é motivado pela fuga da dor e pela busca do prazer: trata-se de uma forma daquilo que em filosofia se chama hedonismo.” (EAGLETON, 2006, p.287). A literatura permite ao homem mirar-se, reconhecer-se, e a psicanálise interessa-se pelo indivíduo, é o próprio tipo de conhecimento que diz respeito à condição humana. Refletindo sobre os diferentes significados conservados pela obra literária, e as variadas leituras que se fazem do texto, relaciona-se a literatura à psicanálise no que tange a capacidade de cada indivíduo produzir um significado diferente para a mesma coisa. O silêncio presente nas obras literárias, ou subtextos, é visto como o “inconsciente” da própria obra. Nas palavras de Terry Eagleton (2006, p.268):

As intuições da obra, como ocorre com todos os escritos, estão profundamente relacionadas com a sua cegueira: aquilo que ela não diz, e *como* não o diz, pode ser tão importante quanto o que diz; e o que parece estar ausente, ser marginal ou ambivalente a respeito dela, pode construir uma chave mestra para as suas significações.

Deve-se atentar para as estratégias narrativas provocadas pelo escritor, pois através delas compreendem-se os silêncios, as supressões propositais, que de uma forma ou de outra garantem a plurissignificação da obra literária. A riqueza polissêmica do texto rousseauiano garante os dois possíveis níveis presentes

na construção narrativa: o superficial e o simbólico. O superficial alude às significações presentes exteriormente, o simbólico refere-se às significações profundas do texto, ou seja, às contribuições interiores da narrativa em que a compreensão exige uma leitura mais aprofundada.

Sem dúvida, não há só semelhanças entre a Literatura e a Psicanálise, as divergências existem no que se refere à própria essência de cada uma: enquanto a Literatura é arte, a Psicanálise baseia-se na teoria, na pesquisa, na prática clínica. Segundo Cleusa Rios Pinheiro Passos (2002), a Literatura bem como a Psicanálise visitam o passado, reconstituem memórias, trazendo ao tempo presente sensações sepultadas pelo esquecimento.

Diante das colocações, faz-se importante a comparação de Freud entre a arte e a neurose, pois “[...] ele quis dizer que o artista, como o neurótico, é oprimido por necessidades instintivas excepcionalmente poderosas, que o levam afastar-se da realidade e aproximar-se da fantasia.” (EAGLETON, 2006, p.269). A posição ocupada pelo artista, sob o ponto de vista freudiano, é a mesma ocupada pelo neurótico, uma vez que ambos valem-se da faculdade da imaginação e da fantasia para amenizar os desejos, possibilitando maior acesso ao público. Desejos reprimidos são os principais criadores dos processos imaginativos, haja vista a necessidade do homem em transferir ao mundo imaginário os desejos censurados pela sociedade. Como afirma o psicanalista, “a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita”. (FREUD, 1976, p.137).

Neste íterim de mudanças, a literatura que anteriormente não estabelecia pontos de intersecção com a psicanálise, sob o olhar freudiano consolida sua associação com a mesma. É pertinente ressaltar que Freud serviu-se de textos literários para formular suas teorias psicanalíticas. Em 1907, o médico vienense publicou o estudo sobre a obra *Gradiva*, de a salvação pela arte, por meio da narrativa de si, é a única alternativa encontrada pelo narrador para livrar-se da ansiedade e da angústia que o dominava. A vontade de reviver instantes soberbos de prazer só é legítima por intermédio do processo de escritura. A insatisfação que o perturbava seria eliminada pela volta constante ao tempo passado, ao lugar onde não poderia ser atingindo.

A necessidade de conhecer-se, de encontrar-se é a pulsão inicial para Rousseau dar início à obra. A condição de existência da narrativa é determinada pela ausência de alguma coisa. Em termos freudianos, o *fort* só apresenta significações em relação a *da*. Ao mesmo tempo em que ausência é perturbadora, é instigante. A angústia de não compreender a própria alma, o medo de ser

aquilo que os Outros pretendiam, serve de suporte para a construção do texto, de viés interpretativo. Interpretativo, no sentido, de esclarecer a posição atual do narrador e realizar a reconstituição ética de sua existência: “[...] *que suis-je moi même? Voilà ce qui me reste à chercher*”.² (ROUSSEAU, 1972, p.35).

Memória: uma leitura do texto rousseauiano sob a ótica freudiana

Como foi dito, a questão da memória será estudada, neste artigo, a partir da concepção freudiana concernente ao trabalho do inconsciente e ao desenvolvimento do aparelho psíquico. Baseando-se nas obras *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1987), *Uma nota sobre o bloco mágico* (FREUD, 1969c) e *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1969b) salienta-se a importância dessas descobertas psicanalíticas na constituição psicológica do narrador do texto em prosa poética.

Até a *Carta 52 a Fliess*, Freud (1969a) ocupou-se em centralizar a posição que a memória cumpria em sua construção teórica. A memória levada em consideração nos estudos do psicanalista difere daquela explorada na psicologia e difere também da memória que nos é apresentada por Henri Bergson (1990), em *Matéria e Memória*. A memória mencionada pelo médico vienense é a memória do inconsciente, em outras palavras, a memória do sistema y de neurônios.

Garcia-Roza (2004a) discute as semelhanças superficiais entre Freud e Bergson, contudo ressalta as profundas diferenças que os distanciam. Tanto a *Carta 52 a Fliess* quanto à obra *Matéria e Memória* contribuíram, cada uma em sua singularidade, para as teorizações sobre o estudo da memória. Apesar de apresentarem, em suas teorias, pontos de congruência:

[...] a tese de que o passado se conserva integralmente (embora não seja necessariamente recordado); o esquecimento concebido como ativo e não passivo (esquecemos por eficiência e não por deficiência, por desgaste do material mnêmico); o caráter seletivo da memória, a ideia de mudança contínua do material mnêmico (a memória não se dá sobre algo que permanece idêntico a si mesmo, mas sobre algo que muda continuamente, sendo que, para Bergson ela é a própria mudança); (GARCIA-ROZA, 2004a, p.46).

As divergências são irreconciliáveis, principalmente, pelo fato de que para o psicanalista vienense a memória diz respeito ao sistema y, sistema totalmente

² “[...] que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar”. (ROUSSEAU, 1986, p.23).

inconsciente. Já para Bergson a memória faz referência à consciência. Em Bergson, a memória é memória-lembrança, memória de acontecimentos, diferenciando-se da memória de traços concebida por Freud. A memória do inconsciente de Freud distingue-se da memória-*souvenir* de Bergson. Outra particularidade distintiva toca à função desempenhada pela memória. Em Bergson, a função é adaptativa, “[...] está a serviço da adaptação à vida, enquanto que para Freud está a serviço do princípio do prazer.” (GARCIA-ROZA, 2004a, p.47).

A teoria bergsoniana não é menos importante que a teoria desenvolvida por Freud. Ao optarmos pelo estudo da memória inconsciente, componente indispensável para o funcionamento do aparelho psíquico, pretendemos demonstrar como o trabalho de memória e o ato de recordar é representado na ficção, sobretudo, em *Les rêveries du promeneur solitaire*, obra inaugural do pré-romantismo francês.

O próprio Jean-Jacques nos deixa conhecer as constantes falhas da memória. Ele nos diz:

*J'écrivais mes Confessions déjà vieux, et dégoûté des vains plaisirs de la vie que j'avais tous effleurés et dont mon coeur avait bien senti le vide. Je les écrivais de mémoire; cette mémoire me manquait souvent ou ne me fournissait que des souvenirs imparfaits et j'en remplissais les lacunes par les détails que j'imaginai en supplément de ces souvenirs, mais qui ne leur étaient jamais contraires. J'aimais m'étendre sur les moments heureux de ma vie, et je les embellissais quelquefois des ornements que de tendres regrets venaient me fournir. Je disais les choses que j'avais oubliées comme il me semblait qu'elles avaient dû être, comme elles avaient été peut-être en effet, jamais au contraire de ce que je me rappelais qu'elles avaient été. Je prêtais quelquefois à la vérité des charmes étrangers, mais jamais je n'ai mis le mensonge à la place pour pallier mes vices ou pour m'arroger des vertus.*³ (ROUSSEAU, 1972, p.88, grifo nosso).

A prosa rousseauiana esclarece os desvios de memória do narrador. No início da escritura das *Rêveries*, Rousseau contava 64 anos. A velhice, a aproximação da morte, leva-o a escrever a obra símbolo da sua reconstrução

³ “Escrevia minhas *Confissões* já velho e entediado com os vãos prazeres da vida que, mesmo superficialmente conhecera todos e dos quais meu coração bem sentira o vazio. Escrevi-os de memória; essa memória me falhava muitas vezes ou somente me fornecia lembranças imperfeitas e eu preenchia suas lacunas com detalhes que imaginava, como complemento dessas lembranças, mas que nunca lhe eram contrárias. Gostava de me alongar sobre os momentos felizes da minha vida e os embelezava algumas vezes com os ornamentos que ternas nostalgias vinham me fornecer. Dizia coisas que esquecera, como me parecia que deviam ter sido, como talvez realmente tivessem sido, nunca o contrário do que lembrava terem sido. Algumas vezes, conferia à verdade encantos estranhos mas nunca a substituí pela mentira para paliar meus vícios ou para me atribuir virtudes.” (ROUSSEAU, 1986, p.64).

moral. O curso racional das ideias cede lugar ao discurso desordenado, conduzido pelas modificações anímicas, “[...] *mon but qui est rendre compte des modifications et de leurs successions.*”⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.42). Apesar da tentativa de estabelecer a trajetória coerente da existência, partindo da vida passada, o encadeamento das reflexões desvia seu fluxo e o inconsciente toma a palavra.

Rousseau transfere voz à alma, ao inconsciente, à medida que o faz, a lembrança, até então silenciosa, passa a dar significado à existência. Ao visitar o passado, o filósofo de Genebra, descobre, a partir de livres associações, o que deixava de recordar:

*Voilà ce que je découvris en y réfléchissant [au petit garçon fort gentil mais boiteux]: car rien de tout cela ne s'était offert jusqu'alors distinctement à ma pensée. Cette observation m'en a rappelé successivement des multitudes d'autres qui m'ont bien confirmé que les vrais et premiers motifs de la plupart de mes actions ne me sont pas aussi clairs à moi-même que je me l'étais longtemps figuré.*⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.107).

Sigmund Freud concebe a importância do esquecimento no processo de tornar conscientes, ações, até então, inconscientes. Escreve Freud:

Esquecer impressões, cenas ou experiências quase sempre se reduz a interceptá-las. Quando o paciente fala sobre estas coisas ‘esquecidas’, raramente deixa de acrescentar: ‘Em verdade, sempre o soube; apenas nunca pensei nisso’. Amiúde expressa apontamento por não lhe virem à cabeça coisas bastantes que possa chamar de ‘esquecidas’ – em que nunca pensou desde que aconteceram. (FREUD, 1969b, p.194).

Realiza-se, aqui, o que o filósofo nos anuncia em sua sexta caminhada – reportada em um pequeno trecho na página anterior –. As ações já não são mais claras. A transmissão da palavra ao inconsciente permite ao genebrino falar dele mesmo, de outra maneira, como nunca havia experimentado antes. O episódio do menino coxo, uma atitude banal de conversar e oferecer-lhe esmola, aos poucos torna-se hábito, culminando com o dever de ajudá-lo. Rousseau sente-se constrangido pela forma como o menino o chamava, “senhor Rousseau”, pois tentava demonstrar-se íntimo do filósofo. A simples atitude impele o genebrino

⁴ “[...] ele me afastaria de minha finalidade que é a de perceber as contínuas modificações de minha alma.” (ROUSSEAU, 1986, p.27).

⁵ “Eis o que descobri, refletindo sobre o caso [do menino encantador mas coxo]: pois nada daquilo, até então, chegara claramente ao meu pensamento. Esta observação me lembrou sucessivamente inúmeras outras que me confirmaram perfeitamente que os verdadeiros e os primeiros motivos da maior parte de minhas ações não são tão claros para mim mesmo quanto havia por muito tempo imaginado.” (ROUSSEAU, 1986, p.81).

à reflexão. Desse modo, a confiança sentida ao escrever seus livros anteriores é marcada pela incerteza da escrita em *Les rêveries du promeneur solitaire*.

O inconsciente, elemento vital para o funcionamento do aparelho psíquico, é, segundo o psicanalista vienense, o depósito de desejos reprimidos. Os desejos censurados pelos homens movem o inconsciente. A memória, sugerida por intermédio do trabalho do inconsciente, é representada nos textos ficcionais através dos sonhos, da lembrança, do esquecimento, do chiste e do devaneio. Em Rousseau, é evidente que tal representação se dá pelo devaneio. Por se tratar de um sistema retroativo, a leitura se concretiza *a posteriori* e o inconsciente desconstrói a linearidade temporal. Assim, no rousseauniano *Les rêveries du promeneur solitaire* a vida do genebrino só tem significado no presente porque volta ao passado.

Freud toma desde os primeiros textos a memória inconsciente como objetivo central de sua teoria. Em *Projeto de uma Psicologia para Neurólogos* (FREUD, 1985), o autor projeta as noções fundamentais para o desenvolvimento do aparelho psíquico, posteriormente recapituladas em outros estudos. Segundo Wajnberg (1997, p.101) a montagem teórica freudiana,

[...] se assenta sobre um ponto de vista econômico, com cargas de energia em movimento ou repouso, localizado no seu sistema neuronal. Tudo gira em torno da ideia de um sistema bombardeado constantemente por estímulos, onde o aumento de energia implica numa sensação de desprazer. O sistema neuronal buscará se desfazer desta excitação através de uma descarga, cujo fim último é alcançar um nível zero de tensão. Eis o princípio da inércia, primordial no funcionamento psíquico. (WAINBERG, 1997, p.101).

O trabalho realizado pela memória é de capturar os estímulos que chegam do mundo exterior e do mundo interior, ou seja, do próprio organismo. Para o funcionamento ideal do aparelho psíquico é necessário paralelamente à retenção de informações, o exercício de recepção. Possuímos dois tipos de neurônios – os permeáveis, que deixam passar estímulos sem sofrer alterações permanentes na estrutura, e os neurônios não permeáveis que se alteram durante a passagem dos estímulos. Os neurônios não permeáveis são, de acordo com Freud, os responsáveis pela representação da memória.

Na *Carta 52 a Flies*, o vienense condensa novas acepções sobre o aparelho psíquico, originado na técnica de estratificação. Os estudos sobre a memória levam agora novos contornos, pois Freud desenvolve a teoria de que a memória não possui uma tradução única, mas variadas traduções encontradas em três

diferentes níveis. O primeiro deles é o signo perceptivo, determinado por associações simultâneas e inábeis de se transformar consciente. O segundo diz respeito ao signo do inconsciente, instaurado por ligações causais em que os traços são as lembranças inatingíveis à consciência e, por último, o signo do pré-consciente, estabelecido por imagens verbais, equivalendo ao eu e capacitado para atingir a consciência sob precisas circunstâncias.

Como afirma Daisy Wajnberg (1997, p.102-103), “[...] neste processo do lembrar em camadas, cada registro toma a forma de rastro mnêmico [...]. Isto é, o material da memória se transcreve e se traduz incessantemente.” Definindo-se como memória de traços, a memória freudiana é analisada como um texto em que todo traço se refere a uma impressão: o aparelho psíquico, segundo o autor, é uma máquina de escritura. Assim, o texto designado por Freud é o texto psíquico, relativo ao sonho, construído não por palavras, mas por imagens. Os sonhos apresentam sintaxe singular e “[...] enquanto produções do inconsciente possuem uma lógica própria, sendo que cada sonhador cria seu próprio código, de tal modo que, se o mesmo conteúdo se fizesse presente em dois sonhadores, o sentido não seria o mesmo.” (GARCIA-ROZA, 2004b, p.63).

Os sonhos expressam uma multiplicidade de sentidos se compreendidos a partir da teoria do inconsciente. Para Freud (1987), os sonhos são movidos por desejos e versam sobre o próprio sonhador. O sonhador aqui analisado, Jean-Jacques Rousseau, não conhecia a teoria peculiar ao inconsciente, no entanto, pressentia que suas agitações interiores não eram ditadas por ações conscientes. O anseio de voltar ao passado e estudar a si próprio, recuando em análise de sua própria alma, substitui a antiga maneira de compreender a condição a que fora subjugado e “[...] *le Connais-toi toi-même du temple de Delphes n'était pas une maxime si facile à suivre que je l'avais cru dans mes Confessions.*”⁶ (ROUSSEAU, 1972, p.73).

Até o século XVIII toda explicação era concedida pela ciência e pela razão. A era das Luzes acreditava no progresso e desconhecia o poder do irracional. Em *Les rêveries du promeneur solitaire*, valoriza-se a parte irracional da personalidade. O narrador associa-se à natureza, o “eterno retorno” aos instintos maternos, observado, na obra, pelas ligações do genebrino com a “mãe comum” e com Madame de Warens, e estimula o regresso ao estado inanimado da morte. “Aquilo que o sujeito repete compulsivamente na busca ativa pelo seu resgate –

⁶ “[...] o conhecer-te a ti mesmo do Templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto o julgara nas minhas *Confissões.*” (ROUSSEAU, 1986, p.55).

mesmo que não o saiba – remete a uma marca, a ser decifrada como o destino predito num oráculo obscuro.” (WAJNBERG, 1997, p. 107). A necessidade de Rousseau é repetir a existência, duplicando-a por meio da escritura, pois esperava sentir no porvir, a mesma serenidade de quando as escreveu: “[...] *leur lecture me rappellera la douceur que je goûte à les écrire et, faisant renâître ainsi pour moi encore le temps passé, doublera pour ainsi dire mon existence.*”⁷ (ROUSSEAU, 1972, p.43).

Sigmund Freud (1969b, p.195), em *Recordar, repetir e elaborar*, afirma: “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela sua atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele não o reproduz como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo.” Nas *Rêveries*, Rousseau espera a volta imediata do sentimento desfrutado no passado. Ele o repete para gozar no futuro da mesma felicidade. A retórica, por meio da prosa poética, intensifica os instantes de repetição. De acordo com Bento Prado Junior (2008, p.98-99), “[...] a escrita aparece então como o viés que poderia permitir reconquistar esse paraíso: escrever é renunciar à comunicação imediata, mas escrever também é preparar a volta ao imediato.”

Freud evidencia que o ato de repetição concretiza-se sob as condições da resistência. O não recordar em Rousseau remete aos recalques produzidos pelas atitudes dos semelhantes, pelas exigências do mundo exterior e pelas vozes que o circundavam. O “eu sou outro”, escrito nas *Confissões*, encontra perfeita realização nas *Rêveries*. Familiarizado com a resistência, Rousseau a elabora para superá-la. Resignado diante da posição imposta pelos “diretores do seu destino”, o autor reconhece que as leis pelas quais o inconsciente é governado, por mais insignificantes que possam parecer, dão sentido àquilo que antes não existia: “*Nous n’avons guère de mouvement machinal dont nous ne puissions trouver la cause dans notre coeur, si nous savions bien l’y chercher.*”⁸ (ROUSSEAU, 1972, p.106).

Paule Adamy (1997, p.92) em *Les corps de Jean-Jacques Rousseau* acentua o reconhecimento de Rousseau aos movimentos involuntários do inconsciente:

L’inconscient imprime sa marque sur le style et la structure. Ce qui est annoncé est un parcours capricieux, une conversation à bâtons rompus, une absence de système: “ces feuilles ne seront proprement qu’un informe journal de mes rêveries” (ROUSSEAU, 1972); *il n’y*

⁷ “[...] sua leitura me lembrará a doçura que experimento ao escrevê-los e, fazendo renascer assim, para mim, o tempo passado, duplicará, por assim dizer minha existência.” (ROUSSEAU, 1986, p.27).

⁸ “Quase não temos movimentos maquinais cuja causa possamos encontrar em nosso coração, se soubéssemos procurá-lo bem.” (ROUSSEAU, 1986, p.31).

a aucune règle pour ordonner la marche de la mémoire, ce qui n'annonce en aucun cas la disparition de la mémoire, bien au contraire. (ADAMY, 1997, p.92)⁹.

O estilo moderno das *Rêveries* prenuncia as transformações efetivadas *a posteriori* pelo movimento romântico. Rousseau une, nesta obra, a irracionalidade à racionalidade, mediante a recomposição de si. No Romantismo, a mudança é determinada pela passagem da filosofia à literatura. Rompendo com o estilo clássico e com a visão racionalista do homem, Rousseau, o centro do individualismo moderno, restabelece sua unidade essencial enquanto sorve as poções de memória.

A função metafórica da memória possui marcadores discursivos que condicionam as miscigenações verbais presentes no texto, haja vista a mescla dos tempos presente, passado e futuro. O uso da expressão *à present*, traduzida para o português por *hoje*, orienta a prosa poética de Jean-Jacques ao tempo presente. No entanto, deparamo-nos, paralelamente, com verbos no tempo passado em que se vê realizado o trabalho simbólico da memória, e, ainda, com os desejos do filósofo, transportando a prosa para o futuro:

*Telle est, laissant à part les visites imprévues et importunes, la manière dont j'ai passé mon temps dans cette île durant le séjour que j'y ai fait. Qu'on me dise à présent ce qu'il y a là d'assez attrayant pour exciter dans mon coeur des regrets si vifs, si tendres et si durables qu'au bout de quinze ans il m'est impossible de songer à cette habitation chérie sans m'y sentir à chaque fois transporté encore par les élans du désir.*¹⁰ (ROUSSEAU, 1972, p.100).

O discurso do narrador autodiegético, em termos genettianos, encaminha o texto em prosa poética para o momento passado, ou seja, para o momento de êxtase sentido por Jean-Jacques durante sua estada na ilha de Saint-Pierre. O passado reconstituído no presente é marcado pela fala do genebrino, pelo cerzir dos retalhos de memória. O futuro só pode ser feliz e pleno se Rousseau for transportado ao passado. Assim, observa-se a importância do tempo passado na formação do presente e do futuro de Jean-Jacques, pois como afirma Daisy

⁹ "O inconsciente imprime sua marca no estilo e na estrutura. O que foi anunciado é um percurso caprichoso, uma conversa descontínua, uma ausência de método: 'estas folhas não serão de fato senão um informe diário dos meus devaneios' (ROUSSEAU, 1972); não há nenhuma regra para ordenar a marcha da memória, o que não anuncia em nenhum caso o desaparecimento da memória, bem ao contrário." (ADAMY, 1997, p.92, tradução nossa).

¹⁰ "Tal foi, executando as visitas imprevistas e importunas, a maneira pela qual passei meu tempo nessa Ilha durante a estada que nela fiz. Que me digam hoje o que há nela de tão atraente para excitar em meu coração tão vivas, tão ternas e tão duráveis nostalgias, para que, ao fim de quinze anos, me seja impossível pensar nessa habitação cara sem para lá me sentir transportado ainda pela aspiração do desejo." (ROUSSEAU, 1986, p.75).

Wajnberg “[...] é do escrito na origem do sujeito – cujo destino encontra-se ditado e prescrito – que se trata na produção do discurso em psicanálise. De um ‘estava escrito’, que bem ecoa este famoso *maktub* dos árabes com relação ao destino.” (WAJNBERG, 1997, p.100).

A memória involuntária de Jean-Jacques Rousseau não é objetiva, haja vista a carga de sensações acrescidas pelo narrador no decorrer do processo de reminiscência. As sensações são movidas por causas inconscientes, sob o trabalho de elaboração da memória, sempre sobre forças psíquicas posteriores. A memória representa o poder da vivência ao continuar produzindo efeitos. É importante ressaltar o seu caráter seletivo, delimitado pelo esquecimento. Só conseguimos memorizar o conhecido e aquilo que nos interessa, já que a escolha do que memorizar dá-se pela necessidade do ser. Em *Le sens de la mémoire*, Jean-Yves e Marc Tadié definem a essência da memória:

*La mémoire et l'oubli sont comme vie et mort l'un pour l'autre. Vivre, c'est se souvenir, et se souvenir c'est vivre. Mourir est oublier, oublier, c'est mourir. De même que la mort est un processus de vie, et la vie un processus de mort, de même la mémoire pour l'oubli. Il n'y a ni mémoire absolue ni oubli absolu.*¹¹ (TADIÉ, J.; TADIÉ, M., 1999, p.237).

A memória permite criar a identidade pessoal do homem: somos memória. Viver é recordar e a vida humana não existe sem memória. O sentido mais enigmático diz respeito à sensação afetiva que as recordações carregam. Os seres humanos necessitam da memória para reviver as sensações do passado não se imagina a sensação anteriormente vivenciada, mas se concede ao homem a oportunidade de fazê-la ressurgir.

A prática de recordar preenche rasuras na memória e confere significação ao insignificável. O inominável ganha novos horizontes e Jean-Jacques Rousseau faz o leitor entrar em estado de introspecção. As *Réveries* pretendem representar não só as disposições do filósofo, mas também de todos aqueles que partilham destas disposições. Assim, só os que se encontram na mesma posição do filósofo poderão sentir e participar dos encontros solitários consigo mesmo. O ato de selecionar o passado, ou seja, de escolher aquilo que lhe convém não deixa de ser um controle, pois o controle do passado é a arma mais poderosa para o controle do futuro.

¹¹ “A memória e o esquecimento são como vida e morte um para o outro. Viver é se lembrar, e se lembrar é viver. Morrer é esquecer, esquecer, é morrer. Assim como a morte é um processo de vida, e a vida é um processo de morte, do mesmo modo que a memória é para o esquecimento. Não há nem memória absoluta nem esquecimento absoluto.” (TADIÉ, J.; TADIÉ, M., 1999, p.237, tradução nossa).

*Je consacre mes derniers jours à m'étudier moi-même et à préparer d'avance le compte que je ne tarderai pas à rendre à moi. Livrons-nous tout entier à la douceur de converser avec mon âme puisqu'elle est la seule que les hommes ne puissent m'ôter. Si à force de réfléchir sur mes dispositions intérieures je parviens à les mettre en meilleur ordre et à corriger le mal qui peut y rester, mes méditations ne seront pas entièrement inutiles, et quoique je ne sois plus bon à rien sur la terre, je n'aurai pas tout à fait perdu mes derniers jours. Les loisirs de mes promenades journalières ont souvent été remplis de contemplations charmantes dont j'ai regret d'avoir perdu le souvenir.*¹² (ROUSSEAU, 1972, p.41).

Rousseau consagra seus dias finais à busca do prazer e do conhecimento de si. Para Freud, a felicidade advém da satisfação dos prazeres. A fim de atingir momentos de êxtase é preciso que haja anulação do sofrimento, pois a teoria freudiana sobre a felicidade se baseia simultaneamente na obtenção do prazer e no evitar o desprazer. A existência da vida é certificada pela atuação simultânea da pulsão de vida e da pulsão de morte. Como afirma Jean-Jacques Rousseau, a alma foi a única coisa que os homens não lhe roubaram. A conversa com a alma nada mais é que o desejo de repetição do passado, reeditando a mesma impressão, porém em direções diferentes.

“A memória parece ser um dos nomes que essa intersubjetividade assimétrica pode tomar: irreduzível a si mesmo, pressupondo outrens temporais, tempos inomináveis ganhando muitas histórias para a nossa origem.” (CHNAIDERMAN, 2003). O eterno retorno do mesmo, retorno ao estado inanimado da morte, carrega o traço característico do ser. O resgate do passado transmite um selo a ser decifrado no futuro. A memória é recontagem, e ao transcrever para linguagem percebe-se que as palavras não são suficientes para descrever as sensações. Porém, a única maneira de reviver, de lembrar-se do que foi sentido, ocorre através da escrita.

Considerações finais

De acordo com o que foi apresentado nesta breve investigação da obra *Les rêveries du promeneur solitaire*, do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau,

¹² “Consagro meus últimos dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar de mim mesmo. Entreguemo-nos inteiramente à doçura de conversar com a minha alma, já que é a única coisa que os homens não me podem tirar. Se, à força de refletir sobre minhas disposições interiores, consigo pô-las em melhor ordem e corrigir o mal que nelas pode ter ficado, minhas meditações serão inteiramente inúteis e embora não sirva mais para anda na terra, não terei perdido completamente os meus últimos dias. Os lazeres de minhas caminhadas diárias foram frequentemente preenchidos por contemplações encantadoras das quais tenho desgosto de ter perdido a lembrança.” (ROUSSEAU, 1986, p. 26).

procuramos trilhar o percurso analítico sobre os estudos da memória, baseando-nos nas teorias freudianas. A narrativa investigada, em prosa poética, é escrita em primeira pessoa e revela a subjetividade pertinente à autobiografia ficcional. As preocupações metafísicas do filósofo versam acerca dos significados de sua própria existência. E,

[o] deslocamento do tempo permite uma pseudo-relação de exterioridade entre vários momentos do eu; a página escrita hoje está destinada por antecedência a um eu futuro que buscará o seu vestígio [...] O que é hoje presença de si para si, plenitude do sentimento, deve procurar forma na linguagem e fixar-se para o futuro como um horizonte de memória antecipado. (STAROBINSKI, 1991, p. 284).

Ao resgatar, através da escrita, o amor de si e o prazer existencial, o filósofo demonstra que, com os próprios recursos, é capaz de encontrar a felicidade plena, não necessitando satisfazer a vontade alheia. Ao fixar os conhecimentos pelos textos, o autor poderá dispor deles e, a qualquer momento, poderá ir ao encontro do que desejar. Vive-se, revive-se e encontra-se a felicidade sempre que ela é procurada.

O estudo do eu interior, de sua substância, tanto metafísica quanto material é o tema desenvolvido nas *Rêveries*: “[...] *réduit à moi seul, je me nourris, il est vrai, de ma propre substance, mais elle ne s’épuise pas et je me suffis à moi-même* [...]”¹³ (ROUSSEAU, 1972, p.139). O discurso passa a ser guiado pelo inconsciente, pelos movimentos da alma. A sensibilidade anímica é nutrida por lembranças e meditações ao mesmo tempo em que é reproduzida e recomposta pelo processo de escritura “[...] *si on mes enlève [les feuilles des Rêveries] de mon vivant on ne m’enlèvera ni le plaisir de les avoir écrites, ni le souvenir de leur contenu, ni les méditations solitaires dont elles sont fruits et dont la source ne peut s’éteindre qu’avec mon âme* [...]”¹⁴ (ROUSSEAU, 1972, p.43).

O inacabamento das *Rêveries* simboliza a instabilidade do narrador. Os intervalos de tranquilidade de espírito são preenchidos pela atividade botânica e pela composição literária, servindo de consolação às misérias da vida. O conteúdo memorial rousseauiano é fruto das lembranças, das experiências mentais vividas em condições particulares “[...] *un registre fidèle*

¹³ “[...] reduzido unicamente a mim, alimento-me, é verdade, de minha própria substância, mas ela não se esgota e eu me basto a mim mesmo ainda que rumine [...]” (ROUSSEAU, 1986, p.106).

¹⁴ “[...] Se mas roubarem, estando eu ainda vivo, não me roubarão nem o prazer de as ter escrito, nem a lembrança do seu conteúdo, nem as meditações solitárias de que são o fruto e cuja fonte somente pode se apagar com minha alma [...]” (ROUSSEAU, 1986, p.28).

*de mes promenades solitaires et des rêveries qui les remplissent quando je laisse ma tête entièrement libre, et mès idées suivre leur pente sans résistance et sans gêne.*¹⁵ (ROUSSEAU, 1972, p.44).

Centradas no egotismo, na dialética da verdade e da mentira, na sensibilidade, *Les rêveries du promeneur solitaire* testemunham as impressões inconscientes do homem que se viu julgado pela sociedade de sua época. Apesar de todas as acusações e das tentativas de exílio pessoal, apresentadas no início da obra, Rousseau conseguiu, a partir da retórica voltada para o eu e por meio da memória, fazer ressurgir momentos de felicidade absoluta, através da escrita literária, na qual recupera a plenitude de sua vida passada.

Memory's question and subjectivity in Les rêveries du promeneur solitaire by Jean-Jacques Rousseau

ABSTRACT: Rousseau's work *Les rêveries du promeneur solitaire* (1782) constitutes the corpus of this article. It is an incomplete autobiography, because the Genevan author dies before concluding his work. The focus of this analysis is on the Freudian theories with respect to the studies of the representation of memory. Rousseau's work gives the 18th- century the hegemony of ideals, which were incorporated later on by the romantic lyrical prose. Taking into account the hybrid genre of the text, we will show the importance of the lyrical prose to the understanding of the philosopher's own life, and to the writing process, considering the relevance of the author to the present day. The metaphorical work of the memory permeates this inaugural work of the French pre-Romanticism, revealing the importance of the unconscious to the understanding of the self, once identity presents a changeable character and is constructed through life. In this way, the analysis will be made from the psychoanalytical point of view, emphasizing the relations between literature and psychoanalysis using the memory theory proposed by Freud and other theorists who have made use of the Freudian's ideas.

KEYWORDS: French Romanticism. Jean-Jacques Rousseau. Psychoanalysis. Sigmund Freud. Memory.

¹⁵ “[...] um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas ideias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços.” (ROUSSEAU, 1986, p.31).

REFERÊNCIAS

ADAMY, P. **Les corps de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1997.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: M. Fontes, 1990.

CHNAIDERMAN, M. Esfarelando tempos não ensimesmados. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000200004>. Acesso em: 25 jan. 2013.

EAGLETON, T. A psicanálise. In: _____. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: M. Fontes, 2006. p. 227-291.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **Projeto de uma psicologia para neurólogos**. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.

_____. Escritores criativos e devaneio. In: _____. **Edição standard brasileira das obra psicológicas e completas de Sigmund Freud**. Editado por J. Strachey. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.IX, p.147-158.

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Carta 52. In: _____. **Edição standard brasileira das obra psicológicas e completas de Sigmund Freud**. Editado por J. Strachey. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. v.I, p. 317-324.

_____. Recordar, repetir e elaborar. In: _____. **Edição standard brasileira das obra psicológicas e completas de Sigmund Freud**. Tradução de José O. A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v.XII, p.189-203.

_____. Uma nota sobre o bloco mágico. In: _____. **Edição standard brasileira das obra psicológicas e completas de Sigmund Freud**. Editado por J. Strachey. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969c. v.XIX. p.283-290.

GARCIA-ROZA, L. A. A memória. In: _____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004a. v.1, p.134-138.

_____. Impressão, traço e texto. In: _____. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004b. v.2, p. 44-67.

PASSOS, C. R. P. Crítica literária e psicanálise: contribuições e limites. **Literatura e sociedade**, São Paulo, n.2, p.166-185, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25382/27127>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

PRADO JUNIOR, B. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. Organizado por F. de Mattos. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUSSEAU, J. -J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Organização e tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Ed. da UNB, 1986.

_____. **Les Rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Gallimard, 1972. (Folio classique).

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TADIÉ, J.-Y.; TADIÉ, M. **Le sens de la mémoire**. Paris: Gallimard, 1999. (Folio essais).

WAJNBERG, D. A teoria da memória em Freud. In: _____. **Jardim de Arabescos: uma leitura das mil e uma noites**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.97-108.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BURGELIN, P. **La philosophie de l'existence de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: PUF, 1952.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Primeiras publicações psicanalíticas. In: _____. **Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.3, p.51-77.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Tradução de F. C. Martins. Lisboa: Vega, [19--].

MENESES, A. B. **Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1981. p.7-28.

